



A AUTOARQUEOLOGIA COMO METODOLOGIA DE RECONSTRUÇÃO DE UMA PRÁTICA CURRICULAR E PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

WIERCINSKI, Gilmar¹; GONZÁLEZ, Fernando Jaime²

RESUMO

O presente artigo é fruto de uma parte da minha dissertação de mestrado e apresenta a trajetória percorrida para encontrar uma metodologia capaz de fidelizar a descrição de um trabalho com a Educação Física Escolar, num período de 8 anos em uma escola pública no município de Ijuí (RS). Neste sentido o artigo apresenta a experiência realizada com uma metodologia descritiva, a Autoarqueologia. Foi um procedimento metodológico inédito que serviu para reconstrução da minha prática curricular e pedagógica, método esse que foi um instrumento utilizado na minha dissertação como um processo de interpretação da prática curricular com base nos meus vestígios materiais gerados pelo meu trabalho nas aulas de Educação Física.

Palavras-chave: Educação Física Escolar. Autoarqueologia. Metodologia.

ABSTRACT

This article is the result of my master's dissertation and it presents the ways to search for a methodology able to loyalty the work's description with the School Physical Education in a period of 8 years at a public school in Ijuí (RS). Thereby the article presents the experience with a descriptive methodology, the Auto archaeology, which was an inedited methodological procedure that worked for the reconstruction of my curricular and pedagogical practice. This method was an instrument used on my dissertation as an interpretation procedure of the curricular practice based on my material vestiges generated through my work in the Physical Education classes.

Keywords: School Physical Education. Auto archaeology. Methodology.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresento a escolha metodológica que sustentou o desenvolvimento do segundo capítulo da minha dissertação de mestrado. Essa metodologia que denominamos de Autoarqueologia é inédita quando tratamos de reconstrução de uma prática curricular e

¹Mestrado em Educação nas Ciências (UNIJUI, 2016), Professor de Educação Física da rede pública do Município de Ijuí (RS). E-mail: gilmarwier@gmail.com.

²Doutorado em Ciências do Movimento Humano (UFRGS, 2010). E-mail: ffg@unijui.edu.br.



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos Científicos do PIBIC
VI Curso de Práticas Socioculturais Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de Formação de Professores



pedagógicas na Educação Física Escolar. Esse movimento desenvolvido na dissertação consistiu em uma sistematização descritiva da minha prática pedagógica desenvolvida nas aulas de Educação Física no período de 2006 a 2013.

É consenso que o professor que reflete sobre o seu trabalho pode melhorar sua intervenção pedagógica. Esse olhar para dentro de si revela a necessidade de busca pelo entendimento sobre como acontece o processo educativo na relação consigo mesmo e com o outro. “O profissional competente possui capacidades de autodesenvolvimento reflexivo” (NÓVOA, 1992, p. 27).

Esse processo reflexivo desafiou-me naquele momento e continua desafiando-me para desenvolver a investigação da minha prática como professor pesquisador.

METODOLOGIA

Esta pesquisa sobre a metodologia teve uma etapa inicial muito rica e esclarecedora. Foi um caminho de busca e estudo de processos metodológicos que tinham como sujeito da investigação o próprio pesquisador. Desenvolvi um mapeamento sobre quais as metodologias de pesquisa que poderiam dar conta dessa demanda, ou seja, considerar o pesquisador como objeto da sua própria prática curricular e pedagógica. Nesse movimento, encontrei a autobiografia e a autoetnografia como possíveis desenhos teórico-metodológicos que poderiam auxiliar neste processo.

A autobiografia como fonte de pesquisas educacionais encontra-se em expansão. Esse aumento de pesquisas autobiográficas, segundo Passeggi, Souza e Vicentini (2011), encontra-se no âmbito da didática, da formação de professores, na História da educação e também em outras áreas que usam as narrativas como perspectiva de pesquisa e de formação. Este movimento coloca as autobiografias como elementos centrais para podermos refletir sobre a história de vida e de formação docente.

Os estudos autoetnográficos, por seu lado, podem variar em sua ênfase de uma investigação para outra. Conforme Chang (2008 apud LOPES, 2012, p. 101), eles assumem uma vertente mais descritiva (grafia), expondo um contexto de prática compartilhado em um grupo social (ethos), considerando os sentidos pessoais (auto) envolvidos em uma cultura passível de análise e interpretação. Segundo o mesmo autor, o investigador é o próprio sujeito que perfaz a ação. Neste sentido, podemos citar o trabalho realizado por Bossle e Molina (2009); no “Olho do furacão: uma autoetnografia em uma escola da rede municipal de ensino



de Porto Alegre”, os autores destacam a importância da realização de uma autoetnografia para a compreensão das práticas educativas a partir do reconhecimento dos sentimentos e das emoções do próprio sujeito que pesquisa.

Ao final do mapeamento em que pesquisei sobre métodos investigativos em que o sujeito investigado é o próprio pesquisador, conclui que os desenhos metodológicos localizados não ofereciam os elementos necessários para realização da pesquisa; no caso da autobiografia, por se tratar de uma descrição autorreferente, um falar de si, do pessoal e não sobre o trabalho, propósito central da pesquisa; na autoetnografia, por se desenvolver a partir de um sincronismo entre as ações e os seus relatos e, portanto, não pertinente quando o propósito é falar sobre o passado, ou melhor, reconstruir uma prática pretérita.

Neste sentido, procurei construir uma forma metodológica capaz de descrever, revisar e reconstruir uma prática curricular a partir de outros pressupostos, algo próximo da arqueologia, neste caso de uma Autoarqueologia. Vamos, porém, por partes.

Inicialmente, é importante destacar que:

A arqueologia, enquanto estudo da porção da cultura material, possui uma práxis e uma reflexão metodológicas próprias, ambas em construção, e cujas características, ainda embrionárias, justificam sua qualificação como um projeto de ciência da cultura material (FUNARI, 1988, p. 16).

Com relação da metodologia escolhida para o capítulo descritivo da dissertação é particularmente significativo entender a arqueologia desde o ponto de vista da sua tradição, que afirma que seu objeto de estudo “seriam as coisas, em particular os objetos criados pelo trabalho humano (artefatos), que constituiriam os ‘fatos’ arqueológicos reconstituíveis pelo trabalho de escavação e restauração por parte do arqueólogo” (FUNARI, 1988, p. 10). Nessa lógica, posso entender que minha prática curricular, vista como um processo de trabalho, pode ser reconstruída, tomando como referência as “coisas” produzidas no processo.

Considerando esse movimento, a forma de reconstruir a prática curricular passei a chamar de Autoarqueologia. A nomenclatura, metaforicamente, busca descrever um processo caracterizado por um olhar voltado para os vestígios materiais produzidos pelo próprio pesquisador, neste caso, na produção do currículo. A materialidade das diversas formas de registro me permitiu desenterrar as práticas curriculares, refletir sobre elas e tentar restaurar/reconstruir criticamente seu sentido.



DISCUSSÕES

Fazer uma investigação no campo educacional a partir do olhar autoarqueológico, possibilitou a revisão e reconstrução da minha prática. Ela está vinculada diretamente à organização do conhecimento, que aborda a Educação Física nos Anos Finais do Ensino Fundamental em um contexto escolar específico.

A relação entre o que pesquisei (minha prática) e a minha ligação com seus vestígios, aproximam-se ainda mais da arqueologia se considerarmos Funari (1988), quando fala sobre o deslocamento de unidades arqueológicas (estudo sobre as coisas) para unidades sociológicas (estudo da relação entre as coisas). Nesta perspectiva, amplia-se o entendimento sobre arqueologia:

O sítio arqueológico passa a ser, nessa perspectiva, uma fazenda agrícola escravista, uma casa camponesa, uma olaria cerâmica, ou seja, uma unidade funcional dentro de uma rede de relações significativas entre as unidades. Apenas através do sistema de assentamento, da dinâmica de relações entre olarias, fazendas, cidades etc., pode-se entender, além de sua função, o porquê da sua localização e como se inter-relaciona com os outros artefatos. Esta passagem do contexto arqueológico para o contexto cultural, no entanto, depende de uma postura metodológica por parte do arqueólogo, não apenas quanto aos seus objetivos, mas também quanto ao caráter específico da sociedade que ele procura atingir com seu estudo (FUNARI, 1988, p. 27).

Podemos associar aos sítios arqueológicos e suas delimitações de quadrículas para a escavação com suas diversas medidas (em m²), as etapas e critérios que observei para realizar a reconstrução da minha prática curricular. É assim que fiz com minha prática curricular, ou seja, delimito anos de prática realizada e escavei, raspei, busquei vestígios de objetos materiais mais recentes e, depois, aprofundi a escavação para tornar visível até elementos que não se colocavam na sua concretude material, mas que, de alguma forma, influenciaram nas tomadas de decisão, nos erros e acertos desta trajetória.

A ideia foi iniciar um processo de reconstrução com um relato detalhado do planejamento dos últimos 8 anos, algo estrutural e cronológico, mostrando continuidades e descontinuidades de conteúdos de um ano para o outro a partir dos temas estruturadores (esporte, jogo motor, ginástica, lutas, práticas corporais expressivas, práticas corporais junto a natureza e atividades aquáticas).

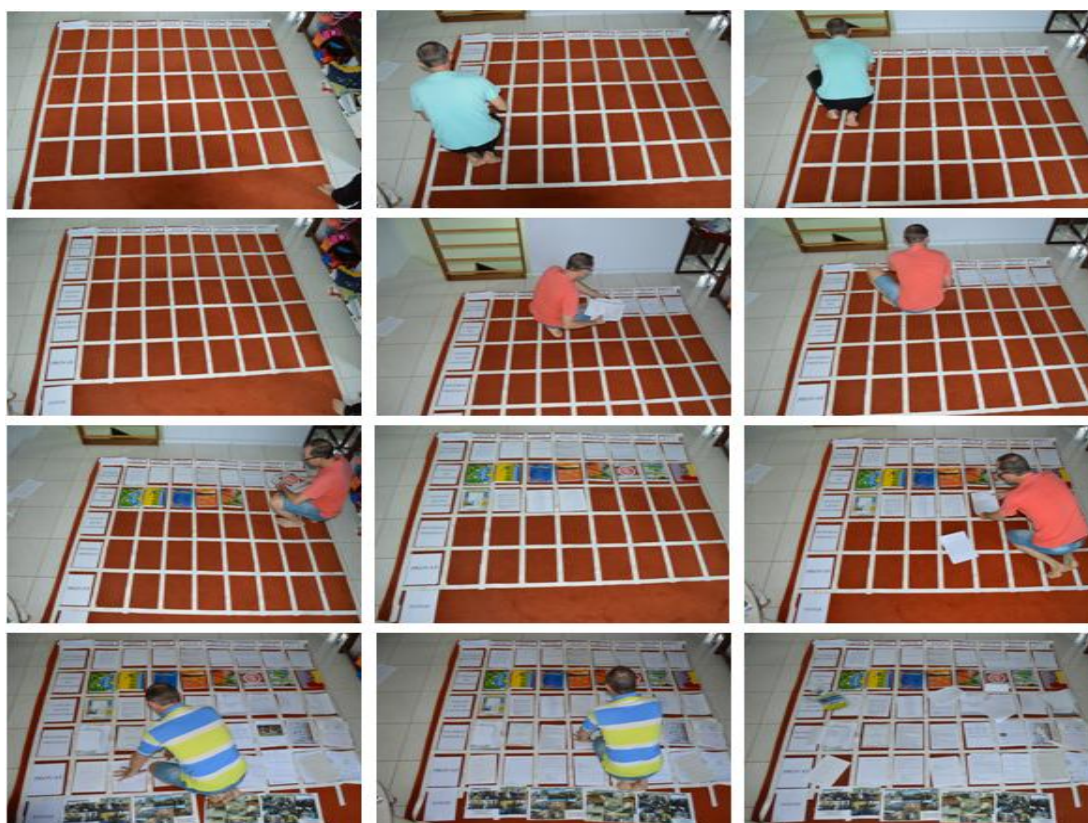
Acredito que, ao começar a reconstrução pelos últimos materiais enterrados, criou-se a possibilidade de fortalecer as lembranças recentes e estabelecer relações lúcidas dos outros



materiais mais profundos, mesmo considerando que estes nunca estiveram totalmente compactados a ponto de serem esquecidos.

Os materiais guardados no decorrer destes 8 anos de trabalho (Figura 1) estão organizados em quadriculas mostrando a produção das aulas de Educação Física entre os anos de 2006 a 2013 (horizontal) e dos tipos de materiais (plano de estudos, caderno do professor, guia de conteúdo dos alunos, material didático, provas e fotos). Mais de 7.000 arquivos foram, de uma forma ou de outra, usados neste processo. Vestígios escritos do planejamento anual e das Unidades Didáticas, fotos, filmes, cadernos, apostilas, registros de provas, autoavaliações, trabalhos de alunos, tudo o que foi escavado serviu de inspiração para reconstruir pedaços da minha caminhada.

Figura 1 – Vestígios materiais (Autoarqueologia)
Da esquerda à direita de cima para baixo



Fonte: O Autor.

A cada acesso aos arquivos do computador, assim como no manuseio de materiais impressos e produções dos alunos, tudo lembrava bons momentos de participação, dificuldades



e também aprendizagens. As lembranças do passado, das experiências sempre presentes, de algo que fica confirmado num registro permanente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desse trabalho sobre a metodologia utilizada na minha dissertação, a Autoarqueologia, percebo o quanto foram significativos todos os momentos relacionados a essa experiência de utilizar uma metodologia única para reconstruir minha própria prática. Lembrome de cada acesso aos arquivos do computador, assim como no manuseio de materiais impressos e produções dos alunos, minhas próprias falas³, relembrando bons momentos de participação, dificuldades e também aprendizagens.

Ao fazer essa trajetória investigativa para encontrar uma forma de registro do meu trabalho, desde o mapeamento que buscava possíveis processos metodológicos até a definição da metodologia autoarqueológica para a descrição final da minha prática, verifico que todo o tipo de investimento no trabalho com a Educação Física Escolar foi recompensado.

Neste trabalho também certifico-me da possibilidade de produção do conhecimento através da intervenção diária que fazemos no processo educativo. Organização, planejamento, registro, perseverança, atitude e comprometimento, essas palavras entre outras podem estar presentes naqueles que desejam registrar, repensar e reconstruir sua prática em qualquer área do conhecimento servindo-se da Autoarqueologia como metodologia.

Portanto, ao final deste trabalho, conclui-se que a Autoarqueologia mostrou-se eficaz como procedimento metodológico para a reconstrução da minha prática curricular e pedagógica. Porém, exige como demanda a construção de uma boa base material como fotografias, caderno, planejamento, filmes e outros materiais para poder conduzir qualquer reconstrução.

³Refiro-me, em especial, às entrevistas concedidas a colegas professores e acadêmicos do curso de Educação Física nos diversos trabalhos de pesquisa realizados, em que discorri sobre minha prática curricular e pedagógica (CARLAN, 2012; FENSTERSEIFER; SILVA, 2011; NASCIMENTO; FENSTERSEIFER; GONZÁLEZ, 2009).



XVIII

Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL

II Mestrado de Tecnologias
na Educação a Distância
III Mestrado de Trabalhos
Científicos do PIBID
VI Curso de Práticas Socioculturais
Interdisciplinares
VIII Encontro Estadual de
Formação de Professores



REFERÊNCIAS

BOSSLE, F.; MOLINA, N. V. No olho do furacão: uma auto-etnografia em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 31, p. 131-146, 2009.

CARLAN, P. **O esporte como conteúdo da Educação Física escolar**: um estudo de caso de uma prática pedagógica. Tese (Doutorado em Educação Física), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

CHANG, H. **Autoethnography as method**. California: Left Coast Press, 2008.

FENSTERSEIFER, P. E.; SILVA, M. A. Ensaio do “novo” em Educação Física Escolar: a perspectiva de seus atores. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 33, p. 119-134, 2011.

FUNARI, P. P. A. **Arqueologia**. São Paulo: Ática, 1988. 96p.

NASCIMENTO, R. F.; FENSTERSEIFER, P. E.; GONZÁLEZ, F. J. Observação como método: aprender observando, observar aprendendo. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 17., JORNADA DE PESQUISA, 16., JORNADA DE EXTENSÃO, 10. 2009, Ijuí. **Anais...** Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2009. v. 1.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C.; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, v. 27, p. 369-386, 2011.